
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Timothy May | Imagem: [UNG](#)

Povos das estepes

Resenha de *The Mongols*, de Timothy May

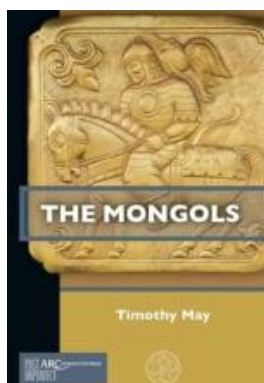
Recebido em 12/06/2026 e publicado em 20/06/2026

Juan Carlos Oliveira (UFRN)

Resumo: *The Mongols*, de Timothy May, objetiva oferecer ao leitor conteúdo basilar e horizontal para que adquira noção essencial acerca do Império Mongol. A obra apresenta escrita densa e escasso número de imagens; todavia, angaria relevância no levantamento de eventos e pessoas, possibilitando ao leitor estudar o Império Mongol, posteriormente, de maneira autodidata e a partir de uma boa base.

Palavras-chave: império mongol; baixa Idade Média; Ásia medieval; história global.

The Mongols, livro introdutório sobre o Império Mongol, foi escrito por Timothy Michael May com o propósito de demonstrar a influência geral e ampla do Império de Chinggis Khan sobre a Ásia e o mundo por inteiro.



O autor também publicou *The Mongol Art of War* (2007), *Culture and Customs of Mongolia* (2009) e *The Mongol Conquests in World History* (c. 1200–1350), em 2012. Ele é professor de Eurásia Central da Universidade da Geórgia do Norte, Ph.D. em História pela Universidade de Wisconsin-Madison (2004), mestre em Estudos da Eurásia Central pela Universidade de Indiana (1996) e bacharel em História e Antropologia pelo College of William and Mary (1993). O livro em análise foi publicado em parceria com a Arc Humanities – uma editora britânica de ciências humanas em geral, com foco em história – e apresenta-se como um compêndio sobre o Império Mongol.

No primeiro capítulo, o autor narra a ascensão de Temüjin ao cargo de liderança universal dos nômades altaicos, ao receber seu título de Chinggis Khan. Com isso, discorre sobre as efemérides dos khans sucessores do legado chinggisida, como seus filhos Ögödei e Tolui e seus netos Güyük, Möngke, Ariq Böke e Kublai, além das imperatrizes – chamadas de khatun –, regentes provisórias até a eleição do novo imperador no Kurultai, como Töregene e Oghul Qaimish. May trabalha as guerras em que Temüjin se envolveu, os laços familiares criados, como seu filho adotivo após o estupro de Börte, sua esposa, que fora sequestrada pelos merkitas, Jöchi; além dos laços de confiança militares que Temüjin/Chinggis Khan criara ao reconhecer o potencial de homens e mulheres em batalha e visitas, independentemente de sua origem social, por meio do qarachu. Posteriormente, detalha os acontecimentos que alavancaram o Império entre cada mandato imperial, com suas expansões, impressões dos locais à chegada dos nômades e as intrigas familiares presentes, como a de Batu Khan, ao organizar um Kurultai fora da Yeke Mongol Ülüs e conspirar com Sorghaqtani para garantir a eleição de Möngke como Khan, mudando o equilíbrio de poder dentro da dinastia mongol e preparando o caminho para a ascensão da linha Tolui.

No segundo capítulo, disserta-se sobre a realidade militar dos mongóis e dos tornados mongóis. É enfatizado o caráter diverso e cosmopolita de que o exército era composto, haja vista sua extrema extensão territorial. Segue tratando do treinamento e desenvolvimento de seus guerreiros, principalmente do aspecto meritocrático, primeiramente de Chinggis e depois dos subsequentes, do Império Mongol. Por fim, descreve a visão secularizada de que a ira mongol era uma força descomunal e devastadora, da qual só se vira antes tal nível com o flagelo de Deus à Roma Antiga, Átila, o Huno, e finda com o gancho para o próximo capítulo ao relembrar a ideologia imperial para a justificativa da convocação e da atuação brutal contra os povos, cidades e monarquias que se recusassem a aderir ao Império: o Kokë Möngke Tengri.

No terceiro capítulo, lida-se com a realidade dinástica na qual o Altan Urugh se encontra frente ao processo de morte e sucessão de regentes, adjunto à situação da nobreza paralela proveniente do qarachu. Demonstra-se que os membros das quatro casas chinggisidas discutiam e arquitetavam entre si a ascensão ao trono. Em paralelo, relata a aplicação da prática túrquica atabeg, que fora apropriada e originou os noyad (plural de noyan). Com isso, pretende explicar como se deu o projeto de mongolização das regiões quando, caso a localidade recusasse a anexação pacífica ao Império, o líder local era removido ou morto e

substituído por um daruqachin leal ao Khan, com chance de ser alguém nativo da região ou não.

No quarto capítulo, Timothy May resume os âmbitos da política mongol em três tópicos: o “Eterno Céu Azul”, o religioso e o comercial. No primeiro, há a noção do conflito de legitimações entre os impérios conflitantes. Um exemplo utilizado é o do choque do Kokë Möngke Tengri com a autoridade maometana do califa e a do papado como embate teleológico de qual povo tem direito a terras e à dominação. Em seguida, traz o tópico religioso em sua trama de certa tolerância religiosa. O Yeke Mongol Ülüs, a “cabeça do império”, era permissivo aos cristãos, daoistas, muçulmanos e budistas em geral para circulação, fé e pregação; já o judaísmo, o zoroastrismo e o maniqueísmo não tiveram tanta tolerância, já que aquelas religiões estavam ligadas, no momento, a territorialidades em diálogo político, enquanto estas não chegaram a ser religiões oficiais de terras anexadas com poder suficiente para resguardar o direito à fé. Apenas o budismo foi transitório, já que era tolerado por Chinggis, mas, com sua morte, a religião foi discriminada no geral. Após isso, o autor trabalha com a ideia do comércio e das políticas alfandegárias, as quais eram focadas nas baixas taxas a serem pagas, como o tamgha, e com o incentivo ao trânsito de ideias e mercadorias pela Rota da Seda, dominada quase totalmente pelo Império.

No quinto capítulo, May aborda a queda dos impérios aos mongóis, apresentando como primeiro dos pontos-chave para tal a sucessão do trono a rivalidade entre duas realidades sociais que, além de brigarem entre si, tinham membros que brigavam entre eles mesmos. O segundo ponto seria o das disputas territoriais, haja vista que, diante das proporções continentais do Império, certos nômades tiveram que ficar em pontos estratégicos a fim de manter essa localidade em domínio mongol. Em seguida, trata do fator religioso e identitário, pois, com elites firmando-se em cada ponto estratégico, além das tradições e culturas remanescentes de tempos pré-mongólicos, cada linhagem/khanato teve de, particularmente, sincretizar as culturas locais aos preceitos mongóis da cultura altaica e do tengrismo. Em reta final, o capítulo aborda como pontos colaterais para a fragmentação do Império a saúde e reitera o ponto da ascensão do qarachu, ou “Black Ones”, como força política e administrativa em certas cidades e regiões, enfraquecendo, assim, o poder dos khans pela descentralização do poder de maneira espontânea.

Por fim, no sexto e último capítulo, Timothy May discorre sobre legado mongol. Inicia sua problemática com as sucessões fragmentárias do Império como agentes de grande influência histórico-político-cultural, como são os exemplos da Dinastia Ming, dos khanatos de Bucara, Quiva e Cocande, do Kara e Aq Qoyunlu, dos Impérios Otomano, Safávida, Timúrida e Mogol e dos khanatos de Cazã, Astracã e Sibir e do Império Russo. Depois, argumenta que, mesmo com tais fragmentações supracitadas, o mapa religioso contemporâneo segue as religiões adotadas pelos khanatos da imediata fragmentação. Em seguida, remonta ao fato de a Rota da Seda ter sido administrada por mongóis, de modo que houve diversas reformas tributárias e alfandegárias cujas normas hodiernas perpetuam fragmentos ou sequelas de tais decisões ministeriais do Império. Conclui que o legado mongol permanece em todas as áreas da humanidade, tanto em territórios que conquistou e invadiu quanto em territórios fronteiriços e distantes. Sua influência foi tamanha, segundo o autor, que táticas militares oriundas de seu passado nômade permanecem até hoje; seu incentivo às ciências e manufaturas avançou os métodos de estudo e pesquisa em toda a Afro-Eurásia, já que traduziram textos para, por exemplo, o árabe, os quais foram propagados a impérios muçulmanos na África, e para o grego, o que os perpetuou na Europa. Finda comentando os relatos de viajantes europeus que registraram a realidade

mongol como “maravilhamentos” – elemento que tanto ensina como era a realidade mongol quanto a europeia e sua percepção de como eram os povos ditos “bárbaros”.

Tudo é passível de falhas. Todavia, às vezes o ponto fora da curva não é, em uma obra literária, seu conteúdo. No caso de May, sua dinamicidade didática foi afetada pelo descompasso de seu estilo de escrita. Sua seleção de dados, nomes e fontes deu-se de forma muito densa. São nomenclaturas e terminologias em família linguística com a qual os leitores do dito Ocidente não estão familiarizados – sua apresentação é justa e bem-vinda diante do pouco conhecimento comum e da rasa mediatização do Império Mongol. Porém, com o acúmulo de informações biográficas e geográficas, urge, em conjunto, a exploração do lado visual do cérebro, que não lida necessariamente com a interpretação racional. Fizeram falta em sua obra imagens, mapas e figuras acerca das realidades expostas de Chagatai, da Grande Yuan, do Ilkhanato e da dita “Horda Dourada”, para gerar no leitor um conceito visual de como era o Império Mongol.

Como qualquer livro que venha a propor-se como introdutório ou didático ao meio acadêmico, este deve desenvolver-se como objeto de linguagem coesa, objetiva e, acima de tudo, simples e direta. May trabalha de maneira quase filantrópica nesse sentido. Ao ter ciência da escassez de materiais populares sobre o Império, ele procurou incluir e apresentar ao público os nomes dos principais agentes do Império, suas ações, seus marcos e suas ligações mútuas. Em anexo, o livro possui linha do tempo do Império, tabela com a duração dos mandatos de cada khan e khatun eleitos e um glossário com as terminologias apresentadas cuja origem é distante do imaginário linguístico ocidental anglo-latino. Assim, é impotente registrar que o autor propõe um conteúdo simplificado, porém não menos completo.

O autor finda por, diante de sua exposição muito bem dialogada e fundamentada, considerar a influência do Império Mongol como abrangente nas áreas da fé, da cultura, do militarismo e da política de todo o continente. Embora acabe por concluir de supetão, não abrangendo muitas questões como “o porquê de se estudar o Império?”, toma como propósito de existência do livro uma introdução basilar da História Global desencadeada pela iniciativa ideológico-expansionista de Chinggis Khan. Buscou permear o debate da “barbaridade” mongol e, em vez de nortear-se pelo debate teórico, optou, de maneira inteligente, por apresentar nomes, eventos, datas, fenômenos e termos presentes no Yeke Mongol Ülüs e suas áreas subjugadas diante do Kokë Möngke Tengri. Haja vista serem escassos os estudos históricos sobre o Oriente ou não incentivados pela “Academia”, o livro é uma síntese para o leitor popular, após anos de produção de conteúdo básicos e de pesquisas arqueológicas publicadas.

Assim, conclui-se que o livro cumpriu sua proposta na medida em que traz ao leitor acadêmico tópicos e episódios para, compreendendo cada fato, aprofundar-se. Também faz-se útil ao leitor comum no momento que traz os mesmos fatos, mas, ao invés de tornar-se objeto de pesquisa, este público refletirá seu lugar no mundo sabendo que maior parte do que conhece como Ásia fora definido pela efeméride mongólica de Temüjin e seus descendentes. O livro poderia abordar mais questões no entorno do medieval-asianista, porém preferiu, com linguagem leve, tratar da introdução detalhada ao campo de estudos sobre o Império de Chinggis. Recomenda-se a leitura tanto para acadêmicos interessados em adentrar no campo da Antigo-Medievalidade quanto para pessoas que, visando entender seu lugar enquanto experiência humana com o tempo, decidam buscar sociedades mundo afora à procura de semelhanças e diferenças em relação ao seu próprio mundo.

Referências

MAY, Timothy. *The Mongols*. Croydon: Arc Humanities Press, 2019.

Sumário de *The Mongols*,

Acknowledgements

Introduction

1. The Rise of Chinggis Khan and the Mongol Empire

2. The Mongol Military

3. The Mongol Government

4. Policies

5. With Success Comes Failure

6. Legacy of the Mongols

Timeline

Glossary

Further Reading

Resenhista



Juan Carlos Oliveira é graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Entre outros trabalhos, publicou: [O povo que virou nota de rodapé do próprio capítulo: os assírios e como sua bibliografia é esmaecida pelo ensino e Mangás e sua criativa estratégia de atração juvenil ao estudo da história](#). Participa do Observatório da Ásia (OASIA – UFRN), da Patrulha Suçuarana (História do Escotismo) e do Grupo de Estudos em Antiguidade Tardia (GEAT – UNESP), além de possuir um canal de dublagem no YouTube chamado [“Duiunô Dub”](#). ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9476079458474680>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8206-3317>; e-mail:

juan.oliveira.116@ufrn.edu.br.

Para citar esta resenha

OLIVEIRA, Juan Carlos. Povos das estepes. Resenha de: MAY, Timothy. *The Mongols*. Croydon: Arc Humanities Press, 2019. p. 117. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 29, p. 48-52, maio / jun. 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).